

PSICANÁLISE E LACAN: UMA CAMINHADA PELO INCONSCIENTE E LINGUAGEM

PSYCHOANALYSIS AND LACAN: A WALK THROUGH THE UNCONSCIOUS AND LANGUAGE

Rawy Chagas Ramos¹

Resumo: Este artigo propõe uma análise abrangente da teoria psicanalítica de Jacques Lacan, enfatizando sua releitura crítica de Freud e a centralidade da linguagem na constituição do sujeito. Partindo de uma contextualização biográfica e teórica, o autor percorre conceitos fundamentais como o Estádio do Espelho, os registros Imaginário, Simbólico e Real, o Complexo de Édipo e o Nome-do-Pai. Além disso, aborda a ética do desejo, o sinthoma e a subversão do sujeito na contemporaneidade. O texto articula psicanálise, filosofia, linguística e clínica, destacando a atualidade e a relevância da obra de Lacan para a compreensão do sofrimento psíquico e da subjetividade moderna. A psicanálise lacaniana, segundo o autor, apresenta-se como uma via de escuta singular, que resiste à padronização dos discursos normativos e valoriza a singularidade do desejo humano.

¹ Mestrando em Filosofia Política pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR (). Mestre em Direito Canônico pelo Instituto Superior de Direito Canônico do Rio de Janeiro (2018). Pós-graduações: especialista em Aconselhamento e Psicologia Pastoral pela Faculdade Serra Geral – FSG (2023); em Docência em Teologia pela Faculdade Dom Alberto – FAVENI (2023); em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU (2023); e em Docência e Gestão da Educação a Distância pela Faculdade Focus (2023); em Psicanálise Clínica pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo – FAMEESP (2024). Graduado em Teologia pela Escola Teológica da Congregação Beneditina do Brasil (1998) e Bacharel em Teologia pela Faculdade Dehoniana (2016). Formação em Psicanálise Clínica pelo Instituto de Estudos e Desenvolvimento Humano SUPERAH e pelo CETEP (Centro de Estudos de Terapia e Psicanálise). Terapeuta Holístico pelo Instituto Brasileiro de Terapia Holística (IBRATH) e Parapsicólogo pelo Centro Latino-Americano de Parapsicologia (CLAP). Membro do Conselho Internacional de Psicanálise e Terapias Integrativas (CONIPT). E-mail: rhawy-cr@gmail.com Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8499444232725816> ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-9677-7634>.



Palavras-chave: Lacan; Psicanálise; Linguagem; Sujeito; Desejo.

Abstract: This article offers a comprehensive analysis of Jacques Lacan’s psychoanalytic theory, emphasizing his critical reinterpretation of Freud and the central role of language in subject formation. Beginning with biographical and theoretical context, the author explores core concepts such as the Mirror Stage, the Imaginary, Symbolic, and Real registers, the Oedipus Complex, and the Name-of-the-Father. The paper also discusses the ethics of desire, the notion of the *sinthome*, and the subversion of the subject in contemporary society. It intertwines psychoanalysis, philosophy, linguistics, and clinical practice, highlighting the ongoing relevance of Lacan’s work in understanding psychic suffering and modern subjectivity. According to the author, Lacanian psychoanalysis provides a unique listening framework that resists normative standardization and upholds the singularity of human desire.

Keywords: Lacan; Psychoanalysis; Language; Subject; Desire.

INTRODUÇÃO À PSICANÁLISE DE JACQUES LACAN

A teoria psicanalítica de Jacques Marie Émile Lacan (1901-1981) não apenas revisita Freud — ela o revoluciona. Lacan propôs um “retorno a Freud”, mas não como repetição mecânica; seu retorno foi, na verdade, uma releitura crítica, repleta de intersecções com linguística, filosofia e antropologia. Em vez de ver o inconsciente como um lugar oculto do espírito, Lacan (1999) trouxe a linguagem para o centro da psicanálise. “O inconsciente é estruturado como uma linguagem” — essa frase não é apenas um bordão, é a base sobre a qual ele construiu uma psicanálise mais enigmática, mas também mais profunda (Ducrot; Todorov, 1974).

A partir dos anos 1950, Lacan iniciou seus famosos seminários em Paris. Seus conceitos foram sendo trabalhados oralmente, em apresentações que misturavam teoria, crítica, filosofia e



experiência clínica (Rudinesco, 1993). Os temas desses encontros não eram aleatórios: linguagem, desejo, corpo, sujeito, ética e clínica eram revisitados sob uma nova luz. Lacan propôs que a fala do paciente — suas palavras, silêncios, escorregões e tropeços — fossem analisadas como estruturas significantes (Jorge, 2008).

A linguagem para Lacan não é mera meio de expressão (Caselli, 2014). Ela é o que constitui o sujeito. O que você diz não só revela quem você é — te constitui como sujeito. Essa virada linguística influenciou profundamente a prática clínica e teórica da psicanálise moderna. Para Lacan, o sujeito do inconsciente emerge no entrelaçamento entre significantes, o que implica que sua verdade não é interior, mas estruturada pela linguagem do Outro (Fink, 1999).

BIOGRAFIA DE JACQUES LACAN

Formação e Primeiros Passos

Jacques Lacan nasceu em Paris em 1901. Filho de uma família católica burguesa, desde cedo demonstrou um espírito rebelde e uma mente brilhante. Seu interesse inicial era pela medicina, especialmente pela psiquiatria, onde trabalhou no hospital Sainte-Anne. Também foi interno de Gaétean de Clérambaut, a quem considerava seu único mestre no campo psiquiátrico. Lá, ele já mostrava inclinação pelas psicopatologias, principalmente a paranoia. Sua tese de doutorado de 1932, “La Psychose paranoïaque dans ses rapports avec la Personnalité: A psicose paranoica em suas relações com a personalidade”, já deixava claro que sua abordagem seria original, demonstrando impressionante erudição e simpatia pela psicanálise, numa época em que preconceitos obstavam sua disseminação na França (Dor, 1990; Rassial, 1997).

Lacan frequentou ativamente os círculos intelectuais parisienses, mantendo diálogo com os surrealistas e com filósofos como Alexandre Kojève, cuja leitura hegeliana teve impacto significativo em sua construção teórica do sujeito (Juranville, 1987). Em 1936, apresentou sua teoria do “estádio do espelho”, que viria a se tornar uma das pedras angulares de sua concepção do eu e da formação



do sujeito na psicanálise.

Lacan manteve interlocução constante com figuras centrais do pensamento francês, como Raymond Aron, Maurice Merleau-Ponty e Georges Bataille, o que contribuiu para que sua obra se tornasse um ponto de intersecção entre psicanálise, filosofia e cultura (Vanier, 2005). Após seu ingresso na Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP), Lacan viria a romper com ela, fundando instituições próprias — como a Sociedade Francesa de Psicanálise e, mais tarde, a Escola Freudiana de Paris — que marcariam profundamente o campo psicanalítico na França e no mundo (Harari, 1990).

Vida Pessoal e Relações Intelectuais

Além de teórico, Lacan foi personagem central na cena cultural da França do século XX. Casou-se com Sylvia Bataille, ex-esposa do filósofo Georges Bataille, e teve com ela uma filha, Judith. Sua vida pessoal foi intensa, muitas vezes controversa, assim como sua trajetória institucional na psicanálise. Sua presença era marcante tanto nos meios clínicos quanto nos intelectuais, transitando entre a medicina, a literatura, a filosofia e a arte, o que lhe conferiu uma posição singular na cultura francesa (Rudinesco, 1993; Didier-Weill, 1997).

Em 1964, após anos de tensão com a Associação Psicanalítica Internacional (IPA), foi formalmente excluído da instituição — principalmente por sua recusa em aderir aos moldes tradicionais de formação e por sua prática de análise com sessão de duração variável, o que gerava grande controvérsia no meio (Jorge, 2008; Harari, 1990).

Essa ruptura, no entanto, não o impediu de continuar ensinando, publicando e influenciando profundamente as gerações seguintes de psicanalistas, especialmente através dos seus seminários, que se tornaram a principal via de transmissão de seu ensino (Miller, 2005).

A Criação de Escolas e Instituições Psicanalíticas



Lacan criou e desfez instituições, como a Escola Freudiana de Paris (EFP), fundada em 1964, e, após sua dissolução, a Escola da Causa Freudiana (ECF), em 1981. Tais movimentos institucionais não se deram apenas por questões administrativas, mas refletiam sua crítica contundente às formas cristalizadas de organização e à padronização da formação psicanalítica (Fink, 1999; Nasio, 1993). Lacan sustentava que o saber da psicanálise não se transmitia por diplomas ou certificações convencionais, mas por uma experiência subjetiva singular, conduzida no próprio percurso de análise e supervisão.

Nesse contexto, propôs o dispositivo do passe, uma forma inédita de validação da experiência analítica, na qual o próprio analisante se apresentava como testemunha do percurso de sua análise diante de uma comissão (Miller, 2009; Dunker, 2011). Essa proposta marcou um ponto de inflexão radical na maneira como se concebe a formação do analista — não mais como um saber acumulado, mas como uma travessia ética e subjetiva.

OS TRÊS REGISTROS: IMAGINÁRIO, SIMBÓLICO E REAL

A teoria dos três registros consiste em um dos pilares centrais da psicanálise lacaniana. Desenvolvidos por Lacan ao longo de seus seminários, esses registros representam diferentes dimensões da existência humana e do psiquismo, funcionando como operadores clínicos e conceituais fundamentais (Jorge, 2008; Dunker, 2011).

Imaginário – A Ilusão e o Espelho

O Imaginário é o domínio da imagem, da aparência e das identificações ilusórias. É onde nasce o ego, nossa imagem no espelho, nosso “eu ideal”. É aqui que o bebê, ao se ver refletido, acredita se ver inteiro, coeso. Mas isso é uma miragem. É o reino das ilusões de completude. Toda a nossa vaidade, idealizações e busca por reconhecimento nascem neste registro. O risco é ficar preso



em um jogo de aparências, uma armadilha do espelho.

Lacan apresenta essa concepção a partir de sua teoria do “estádio do espelho”, desenvolvida em 1936, onde o sujeito se reconhece em sua imagem refletida, formando uma matriz de identificação narcísica (Lacan, 1998; Harari, 1990).

Simbólico – A Lei e a Linguagem

O Simbólico é a ordem da linguagem, da cultura e da lei. É o que nos insere na sociedade. Aqui, entra a figura do “Nome-do-Pai” (Lacan, 2005), que nos ensina que nem tudo é permitido.

Esse registro nos estrutura como sujeitos. A linguagem nos atravessa antes mesmo de nascermos. O nome que recebemos, as histórias que nos contam, os discursos que nos formam — tudo isso é Simbólico. E mais: o desejo é mediado pelo Outro, ou seja, só desejamos o que o Outro nos aponta (Quinet, 2006; Fink, 1999).

Porquanto, a entrada no campo do simbólico marca a castração simbólica, que limita o gozo e inaugura o sujeito do desejo, introduzido na falta e na linguagem (Jorge; Ferreira, 2005).

Real – O Inominável

O Real é aquilo que escapa à linguagem e à simbolização. Não é a “realidade”, mas sim o que não pode ser dito. A dor bruta, o trauma, a morte — tudo isso é Real. É o que retorna sempre ao mesmo lugar porque não encontra inscrição nos outros registros. No Real, somos confrontados com o impossível. Não há palavras para nomeá-lo. E é justamente essa falta de nomeação que faz com que o Real nos perturbe tão profundamente.

O Real, em Lacan, é o registro mais difícil de ser abordado, pois se trata do indizível e do irrepresentável — aquilo que resiste ao simbólico e ao imaginário (Miller, 2005; Fink, 2015; Kafka, 2015).



O ESTÁDIO DO ESPELHO E A FORMAÇÃO DO SUJEITO

O Estádio do Espelho é um dos conceitos mais conhecidos e fundamentais da teoria de Lacan. Apresentado originalmente em 1936 e reformulado em 1949, ele propõe que, entre os 6 e 18 meses de vida, o bebê, ao se ver no espelho, vivencia uma experiência que inaugura o “eu” — ou mais precisamente, a imagem de um “eu” (Lacan, 1998; Harari, 1990).

Esse reconhecimento é ilusório, pois a imagem refletida aparenta ser completa e harmoniosa, enquanto o bebê ainda se percebe de forma fragmentada e descoordenada. Essa primeira identificação com a imagem especular inaugura a formação do eu no campo do Imaginário, instaurando uma alienação constitutiva (Jorge, 2008; Vanier, 2005).

O Narcisismo e o Olhar do Outro

Esse momento também marca o nascimento do narcisismo primário: o sujeito ama a imagem ideal que vê no espelho, mesmo sem ser de fato aquilo. A presença do olhar do Outro — geralmente a mãe ou cuidador — é fundamental, pois valida e sustenta essa imagem.

O desejo de ser visto e reconhecido pelo Outro inaugura a dinâmica do desejo humano, estruturando-se sempre a partir do desejo do Outro (Lacan, 1998; Fink, 1999). O sujeito, desde então, buscará incessantemente esse olhar que o constitui e o sustenta, o que será central para a constituição de seu lugar no discurso.

A Identificação com a Imagem

A imagem com a qual o bebê se identifica não é um reflexo fiel do seu ser, mas uma forma idealizada. Trata-se de uma identificação com algo externo, o que já introduz uma cisão no sujeito



entre o que ele é e o que aparenta ser (Nasio, 1993). Lacan destaca que essa alienação é constitutiva: somos desde o início marcados pela exterioridade, pelo Outro, e por uma imagem que nos escapa (Jorge; Ferreira, 2005). Essa estrutura prepara o terreno para a entrada no Simbólico, onde a linguagem operará de forma ainda mais decisiva na subjetivação.

A Ilusão da Completude

O problema? Essa imagem traz uma ilusão de completude que nunca se realiza totalmente. Vivemos tentando reencontrar essa sensação de unidade que tivemos diante do espelho, mas nunca conseguimos de verdade. Essa busca interminável alimenta nosso desejo, nossas neuroses e, claro, nosso sofrimento.

Ou seja, a imagem do espelho oferece uma promessa de totalidade que nunca se realiza. A criança experimenta um sentimento de unidade que se torna referência, mas também fonte de sofrimento. A partir daí, passamos a vida tentando reencontrar essa sensação de completude, mas sempre nos deparamos com a falta, com o impossível de ser preenchido — o que Lacan relaciona ao campo do desejo e à estrutura da neurose (Miller, 2005; Dunker, 2011). A psicanálise lacaniana mostra que essa busca por completude é o motor do desejo, mas também de nossas angústias mais profundas.

O Sujeito do Inconsciente

Lacan propôs uma concepção radicalmente nova de sujeito. Ao contrário da ideia moderna de um “eu” coeso, autônomo e racional, Lacan afirma que o sujeito é dividido, barrado, e que sua verdade está no inconsciente. Esse inconsciente, por sua vez, não é o reservatório de conteúdos reprimidos, como pensava-se com Freud em sua primeira tópica, mas sim estruturado como uma linguagem — uma cadeia de significantes que escapa ao controle do eu (Lacan, 1998; Fink, 1999).



A noção de sujeito em Lacan nasce na tensão entre o significante e o desejo. O sujeito do inconsciente é efeito da linguagem, não é causa de si mesmo. É por isso que Lacan afirma que “o inconsciente é o discurso do Outro” (Lacan, 1998). Nesse sentido, o sujeito é um efeito da fala, uma fenda que se forma no encontro entre o desejo e a lei (Jorge, 2008). Para compreender essa dinâmica, Lacan propõe os quatro conceitos fundamentais da psicanálise: o inconsciente, a repetição, a Transferência e a pulsão — todos atravessados pela noção de sujeito como efeito da linguagem (Lacan, 1985).

O COMPLEXO DE ÉDIPO E A FUNÇÃO PATERNA

O Complexo de Édipo, fundamental na teoria freudiana, foi profundamente reelaborado por Lacan a partir da linguística e da estrutura do significante. Ele desloca o foco do biológico para o simbólico, demonstrando que o desejo está inscrito numa rede de significantes que molda o sujeito desde sua entrada na linguagem (Lacan, 1998; Dunker, 2011).

A Lei Simbólica e a Interdição do Incesto

Lacan reformulou o Complexo de Édipo com base na noção de estrutura. Para ele, a entrada no Simbólico ocorre quando o sujeito é confrontado com a Lei do Pai — que se apresenta como a interdição do incesto, ou seja, a proibição fundamental do desejo pela mãe. Essa interdição não é apenas moral, mas fundadora do sujeito, pois inaugura a separação entre o sujeito e o Outro primordial (a mãe), permitindo a inscrição na linguagem, na lei e na cultura (Jorge, 2008; Nasio, 1996). A função da lei é estruturar o desejo, mostrando que nem tudo é permitido e que o desejo é sempre mediado pela falta.



O Nome-do-Pai e a Metáfora Paterna

A figura do pai, em Lacan (2005), não é necessariamente o pai real ou biológico, mas uma função simbólica. O Nome-do-Pai é o significante que intervém no campo do desejo materno para interditar a fusão com a criança. Trata-se de uma metáfora que substitui o desejo da mãe e introduz o sujeito no campo da diferença e da linguagem (Lacan, 1998; Miller, 2005). Quando essa função simbólica falha — como na forclusão do Nome-do-Pai — o sujeito não consegue estruturar seu desejo simbolicamente, o que pode dar lugar a quadros psicóticos (Jorge; Ferreira, 2005).

O Sujeito Dividido e a Castração

A castração simbólica, tal como desenvolvida por Lacan, não diz respeito a uma mutilação física, mas à entrada do sujeito no campo da falta. Ser castrado, em termos simbólicos, é reconhecer que não se é tudo para o outro, que há um ponto de perda que constitui o desejo (Fink, 1999; Quinet, 2006).

Essa operação funda o sujeito dividido (*sujet barré*), alienado na linguagem e movido por um desejo que jamais se satisfaz plenamente. A castração é, assim, o que possibilita a constituição do sujeito como desejante — e, paradoxalmente, como incompleto (Didier-Weill, 1997). Portanto, o sujeito lacaniano consiste em um sujeito dividido, alienado na linguagem e movido por um desejo que nunca se realiza por completo.

O DESEJO EM LACAN: FALTA, METONÍMIA E OBJETO a

Na teoria lacaniana, o desejo ocupa um lugar central. Mas não é o desejo no sentido de algo que se pode satisfazer facilmente. O desejo, para Lacan, é o desejo do Outro — ele é estruturado a



partir da falta, daquilo que nos falta e que não pode ser plenamente preenchido (Quinet, 2006; Fink, 1999). Essa falta não é sinal de patologia, mas uma estrutura ontológica: somos seres faltantes desde o início, e é essa perda constitutiva que impulsiona nosso desejo (Jorge, 2008; Harari, 1990).

O gozo (*jouissance*) é o termo que Lacan usa para designar aquilo que vai além do princípio do prazer — uma experiência que pode ser, ao mesmo tempo, prazerosa e dolorosa, e que muitas vezes se aproxima do insuportável. O sujeito, por vezes, busca o gozo mesmo quando isso lhe causa sofrimento, como nos casos de repetição sintomática (Miller, 2009; Nasio, 1996). Essa distinção entre desejo e gozo permite compreender sintomas que retornam, repetições que insistem, mesmo contra o interesse racional do sujeito.

Com efeito, Lacan revolucionou a forma como entendemos o desejo. Ele propôs uma reformulação profunda da compreensão do desejo. Ele não é uma simples vontade, nem um impulso a ser satisfeito, mas um movimento incessante, que nasce da entrada no simbólico — ou seja, do momento em que o sujeito é capturado pela linguagem. Ao entrar na linguagem, algo se perde irremediavelmente, e essa perda funda o campo do desejo (Lacan, 1998; Dunker, 2011).

O desejo lacaniano não visa um objeto fixo. Ele funciona de forma metonímica: desliza de um significante a outro, sem alcançar nunca um ponto final. O sujeito deseja aquilo que o Outro deseja, ou o que ele supõe que o Outro deseja. Nesse sentido, o desejo está sempre em deslocamento, sustentado por uma cadeia significante que se remete constantemente a um além (Ducrot; Todorov, 1974; Fink, 1999).

É nesse contexto que Lacan introduz o conceito de objeto *a*, que se tornou um dos pilares de sua teoria. Trata-se do objeto causa do desejo, não um objeto que possa ser plenamente obtido, mas um ponto de falta que move o sujeito. O objeto *a* é uma sobra da operação de castração simbólica — uma parte perdida do sujeito que retorna como causa do seu desejo. Ele pode se manifestar no olhar, na voz, no corpo, nos sonhos, nas fantasias, nos amores — mas nunca se resume a um objeto real (Lacan, 1985; Jorge; Ferreira, 2005). Justamente por nunca se completar, ele mantém o desejo em movimento.



O desejo, portanto, é a própria estrutura do sujeito na teoria lacaniana. Ele é falta, é deslocamento, é tensão contínua. O sujeito humano é, essencialmente, um sujeito desejante — e é isso que o constitui, que o faz viver e sofrer, que o move em direção ao Outro, em busca do impossível (Fink, 2015; Vanier, 2005).

A LINGUAGEM COMO ESTRUTURA DO INCONSCIENTE

Se há algo que define a psicanálise lacaniana, é a afirmação de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem (Araújo, 2001; Lacan, 1998). Essa não é uma simples metáfora, mas uma concepção teórica rigorosa, sustentada pelo diálogo com a linguística estrutural. Lacan apropriou-se das ideias de Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson para desenvolver sua teoria, segundo a qual o inconsciente funciona por meio de significantes, operando com deslocamentos, condensações e metáforas — tal como os mecanismos da linguagem (Ducrot; Todorov, 1974; Saussure, 1945).

Diferente da noção freudiana inicial de “conteúdo reprimido”, Lacan concebe o inconsciente como uma cadeia de significantes. Essa cadeia não é irracional, mas segue uma lógica própria — a lógica do inconsciente, que se manifesta em sonhos, atos falhos, sintomas e formações do inconsciente em geral (Fink, 1999; Jorge, 2008). O analista, assim, torna-se um leitor da fala do sujeito, alguém que escuta o que está dito e, principalmente, o que escapa — aquilo que o sujeito não sabe que diz.

Para Lacan, o significante é mais determinante do que o significado. O que importa na psicanálise não é tanto o sentido explícito de uma fala, mas como ela se articula na cadeia significante que constitui o sujeito. O sujeito é um efeito do significante, e não seu criador. Somos falados antes de falar. A linguagem nos precede e nos molda — ela é a matriz que organiza nossa subjetividade (Lacan, 1998; Fink, 2015).

Esse ponto é central: o inconsciente se manifesta por meio da linguagem — em lapsos, silêncios, trocadilhos, ambiguidades. É por isso que o sintoma deve ser escutado como um texto, uma escritura singular do sujeito. Cada um fala seu inconsciente à sua maneira, com seus próprios jogos de



palavras, desvios e repetições. O papel do analista, então, não é o de corrigir ou interpretar de forma autoritária, mas de acolher essa fala e ajudar o sujeito a se implicar nela, a se localizar em sua própria trama significativa (Dunker, 2011; Didier-Weill, 2009).

AS CLÍNICAS DE LACAN: PRIMEIRA E SEGUNDA CLÍNICA

Lacan desenvolveu duas grandes abordagens clínicas ao longo de sua trajetória, que a literatura psicanalítica passou a nomear como Primeira Clínica e Segunda Clínica (Dunker, 2017; Fink, 2015). Esses dois momentos não se opõem de forma rígida, mas representam diferentes modos de compreender e intervir no sofrimento psíquico, a partir da evolução de sua teoria dos registros (Imaginário, Simbólico e Real) e do papel do sintoma.

Na Primeira Clínica, Lacan está fortemente ancorado na lógica do significante. Influenciado pela linguística estrutural, ele concebe o sintoma como uma formação do inconsciente, estruturado como uma linguagem. O sintoma é lido como uma metáfora — um enigma que encobre um desejo recalcado — e o trabalho do analista é interpretativo: escutar, pontuar, interpretar, trabalhar com os deslocamentos e condensações da fala do sujeito (Lacan, 1998; Nasio, 1993). O sujeito, nessa perspectiva, é o sujeito barrado (\$), alienado na linguagem, dividido pelo desejo do Outro. O analista atua como aquele que conduz a associação livre, buscando furar o véu da repetição neurótica.

A partir da década de 1970, Lacan passa a reformular sua clínica, dando origem ao que se conhece como Segunda Clínica. Nessa abordagem, o foco se desloca do simbólico para o Real — aquilo que escapa à simbolização. O sintoma, agora denominado *sinthoma* (com th, à maneira do termo antigo usado por James Joyce), deixa de ser algo a ser decifrado e passa a ser visto como uma amarração subjetiva singular, uma invenção que permite ao sujeito sustentar-se diante do insuportável do real (Lacan, 2005; Miller, 2009). O *sinthoma* não é necessariamente patológico; é, em muitos casos, o que possibilita a consistência do sujeito. Por isso, ele não deve ser dissolvido, mas compreendido em sua função de sustentação.



Essa mudança clínica aponta para um deslocamento teórico e ético: de uma clínica da interpretação para uma clínica da reconstrução subjetiva (Didier-Weill; Safouan, 2009). O analista, na Segunda Clínica, deixa de ser aquele que interpreta a verdade do sujeito e passa a ser um parceiro de percurso, alguém que sustenta o laço e reconhece a invenção singular do analisante. É uma clínica mais próxima do real, daquilo que não se diz, mas que insiste — e que só pode ser suportado pela construção de uma forma singular de existir.

O NÓ BORROMEANO: UMA TOPOLOGIA DO PSIQUISMO

Lacan sempre demonstrou interesse por estruturas formais e matemáticas, utilizando figuras topológicas para pensar o inconsciente e a constituição do sujeito. O Nó Borromeano é, talvez, uma de suas construções mais engenhosas. Trata-se de três anéis entrelaçados de forma que, se um se desfaz, todos os demais também se desfazem. Essa imagem representa a interdependência entre os três registros da psicanálise: Real, Simbólico e Imaginário (Lacan, 2005; Fink, 2015).

Essa topologia oferece uma nova maneira de compreender a estrutura do sujeito. Cada registro — R (Real), S (Simbólico) e I (Imaginário) — cumpre uma função essencial. Quando estão bem enlaçados, mesmo que o sujeito sofra, ele mantém uma certa consistência subjetiva. Porém, se um dos registros falha ou se desconecta dos outros, pode haver rupturas estruturais, como nas psicoses, onde a ligação entre o simbólico e o real se mostra precária ou inexistente (Jorge, 2008; Dunker, 2011). Por isso, a clínica lacaniana se interessa em entender como esses registros se articulam ou se desarticulam em cada sujeito, observando os modos específicos de sua amarração.

Mais adiante em sua obra, especialmente no Seminário 23 – O Sinthoma, Lacan introduz um quarto elo ao Nó Borromeano: o sinthoma. Esse elemento, inspirado em sua leitura de James Joyce, não se confunde com o sintoma tradicional, mas é compreendido como uma invenção subjetiva que permite ao sujeito sustentar-se mesmo quando há falhas na amarração dos três registros (Lacan, 2005; Miller, 2009). O sinthoma opera como uma espécie de nó suplementar, que mantém unida a trama



psíquica do sujeito.

Essa abordagem borromeana representa uma das contribuições mais inovadoras de Lacan para a clínica. Ela rompe com a ideia de uma estrutura universal do psiquismo e propõe que cada sujeito constrói seu próprio nó, com modos de amarração únicos. A clínica, nesse contexto, torna-se uma arte de escuta e reconhecimento dessa singularidade — não se trata mais de interpretar no sentido clássico, mas de respeitar e sustentar o modo singular de existência que o sujeito produziu para viver (Didier-Weill; Safouan, 2009; Nasio, 1996).

A PSICOPATOLOGIA EM LACAN: NEUROSE, PSICOSE E PERVERSÃO

Lacan manteve os três grandes quadros clínicos herdados de Freud — neurose, psicose e perversão —, mas lhes conferiu uma nova abordagem, de base estrutural. Em vez de categorizar os sujeitos pelos sintomas manifestos, Lacan propôs compreender essas estruturas a partir da relação do sujeito com o significante, a castração e o Outro (Nasio, 1993; Jorge, 2008).

Na neurose, há uma metáfora paterna bem-sucedida: o sujeito passa pela castração simbólica e aceita a interdição do desejo incestuoso. Contudo, essa aceitação não ocorre sem consequências. O sujeito sofre com sintomas, inibições e angústias, resultado da tensão entre o desejo recalçado e a lei simbólica. O neurótico está mergulhado no excesso de significação — tudo tem um “porquê”, um sentido a ser desvendado. O sintoma, nesse caso, funciona como uma formação substitutiva da realização do desejo proibido (Fink, 1999; Dunker, 2011).

Na psicose, por outro lado, ocorre a forclusão do Nome-do-Pai, ou seja, a metáfora paterna falha em se instalar. Sem esse significante organizador, o sujeito não ingressa plenamente no campo do simbólico, e o real irrompe de maneira brutal. Isso pode se manifestar em delírios, alucinações e fenômenos de desencadeamento psicótico. A linguagem, aqui, não funciona como mediação estruturante, mas como fragmentação e ruptura — o simbólico não consegue tamponar o real (Lacan, 1998; Harari, 1990; Jorge; Ferreira, 2005).



A perversão, na concepção lacaniana, não é um desvio moral, mas uma estrutura clínica estável. O perverso não rejeita a lei, mas se coloca como exceção a ela. Em vez de ser castrado, ele se posiciona como aquele que encarna o objeto do desejo do Outro, operando numa lógica de desafio e encenação da castração (Nasio, 1996; Fink, 2015). O perverso, diferentemente do neurótico, não sofre por desejar o que não pode, mas faz o Outro sofrer, colocando-se como instrumento do gozo do Outro.

A psicopatologia em Lacan, portanto, não é uma classificação descritiva de sintomas, mas uma leitura estrutural do sujeito. Cada estrutura determina uma forma singular de relação com o desejo, a linguagem e o Outro. É essa posição estrutural que orienta o trabalho do analista, muito mais do que a aparência sintomática (Didier-Weill; Safouan, 2009; Miller, 2005).

A ÉTICA DA PSICANÁLISE EM LACAN

A ética, para Lacan, não se confunde com os códigos morais ou com regras universais sobre o bem e o mal. Trata-se de uma ética do desejo, em que o sujeito é convocado a responsabilizar-se pela posição que ocupa em relação ao que o move. Lacan retoma a tradição freudiana, mas desloca a psicanálise para um território onde não há lugar para ideais de adaptação ou conformidade social (Lacan, 1988; Fink, 1999).

No Seminário 7 – A Ética da Psicanálise, Lacan (1988) afirma que o único mandamento ético da psicanálise é: “Não cedas de teu desejo”. Essa máxima não convida à impulsividade inconsciente, mas propõe que o sujeito não se traia ao renunciar àquilo que constitui seu desejo mais autêntico. Para tanto, é necessário romper com as expectativas impostas pelo Outro — sejam elas sociais, familiares ou ideais do ego — e confrontar a verdade singular que habita o sujeito (Didier-Weill; Safouan, 2009; Dunker, 2011).

Essa ética é tudo, menos confortável. Ela exige do sujeito coragem para suportar a angústia, a falta, e a impossibilidade de plenitude. Exige também a disposição para abrir mão de fantasias protetoras e encarar a divisão que o constitui. A ética do desejo é, portanto, uma ética da verdade, em



que o sujeito se implica em sua fala e em sua responsabilidade, sem apelar a justificativas externas ou culpabilizações (Freud, 1996; Bleichmar; Bleichmar, 1992).

Lacan critica duramente as chamadas “psicoterapias adaptativas”, que pretendem ajustar o sujeito à norma social vigente. Para ele, a psicanálise não visa a normalização do indivíduo, mas o reconhecimento de sua singularidade subjetiva, ainda que isso o torne estranho aos olhos do mundo. A clínica lacaniana, assim, sustenta uma posição ética radical: não busca curar no sentido tradicional, mas abrir espaço para que o sujeito possa inventar um modo próprio de viver com o desejo (Miller, 2005; Nasio, 1996).

A ética lacaniana, portanto, é profundamente subversiva. Ela não promete felicidade nem ajustamento, mas convida à travessia da verdade subjetiva. Como um farol, o desejo ilumina o caminho — não o destino, mas o percurso, sempre singular, sempre em construção (Simanke, 2002; Fingermann; Ramos, 2009).

A CLÍNICA DO SINTHOMA

O conceito de *sinthoma* (com “th”) representa uma das mais importantes inflexões na teoria e na clínica de Lacan. Se, em sua primeira clínica, o sintoma era entendido como uma formação do inconsciente a ser interpretada — um enigma a ser decifrado —, na virada promovida a partir do Seminário 23 – O *Sinthoma*, o próprio Lacan afirma que há sintomas que não se interpretam, mas que devem ser sustentados pelo sujeito (Lacan, 2005; Fink, 2015).

Diferentemente do sintoma neurótico, estruturado como metáfora do desejo recalcado, o *sinthoma* é uma forma singular de gozo, uma solução inventada pelo sujeito para lidar com o real, que escapa à simbolização. Ele funciona como uma amarração entre os registros Real, Simbólico e Imaginário (RSI) — e pode ser a única via pela qual o sujeito encontra alguma consistência psíquica (Miller, 2009; Dunker, 2011). A clínica do *sinthoma* não visa a cura no sentido tradicional, mas a possibilidade de fazer algo com o sofrimento, transformando-o em modo de existir.



Lacan se inspira na obra de James Joyce para desenvolver essa concepção. Em Joyce, ele vê um sujeito que, diante do risco de desencadeamento psicótico, inventou um modo de amarrar os registros por meio da escrita literária. Sua obra não era apenas arte, mas *sinthoma* — uma solução subjetiva que lhe permitiu escapar da desestruturação (Lacan, 2005; Fingermann; Ramos, 2009). Isso revela como, para além da clínica clássica, o ato criativo pode ser uma forma legítima de amarração.

Nessa clínica, o analista não ocupa mais o lugar de decifrador, mas o de testemunha e parceiro de percurso. Seu papel é sustentar a escuta, acompanhar o sujeito na construção de uma nova relação com seu *sinthoma*, permitindo-lhe encontrar um modo menos sofrido de habitá-lo (Didier-Weill; Safouan, 2009; Mezêncio et al., 2014). Em vez de buscar o desaparecimento do sintoma, a psicanálise lacaniana propõe que o sujeito reinvente sua posição frente ao gozo.

Essa abordagem revela-se particularmente potente para os casos não-neuróticos ou fora da norma diagnóstica tradicional. Ela inaugura uma clínica do singular, que respeita as soluções subjetivas e reconhece que cada um deve encontrar sua forma de amarrar o nó — mesmo que essa forma não passe pela linguagem, mas pela arte, pela escrita, pela invenção cotidiana (Rabanal; Millet, 1998; Souza; Guarreschi, 2018).

O PAPEL DO ANALISTA NA PSICANÁLISE LACANIANA

Na clínica lacaniana, o analista não é um conselheiro, um guia espiritual ou um técnico da mente, como bem sublinha Safouan (1985). Seu papel é muito mais complexo e sutil: o analista deve sustentar o lugar onde o sujeito possa falar, escutar-se e encontrar seu desejo. Ele atua como um suporte do desejo do analisante, sem buscar impor sentidos ou adaptar o sujeito a normas sociais (Lacan, 1998; Bleichmar; Bleichmar, 1992).

Diferente da neutralidade clássica da tradição freudiana, o analista lacaniano opera com atos. Um silêncio, uma intervenção precisa, uma repetição ou mesmo o corte da sessão podem ter efeitos de ruptura e transformação. O analista está atento aos significantes que retornam, aos lapsos,



às incoerências da fala — ele escuta aquilo que escapa ao controle consciente do sujeito (Miller, 2005; Nasio, 1996).

Um conceito-chave nessa perspectiva é o de “Sujeito Suposto Saber” (S.S.S.). Ao entrar em análise, o sujeito atribui ao analista um saber sobre seu inconsciente. É essa suposição de saber que sustenta a transferência e impulsiona o desejo de saber. No entanto, o analista não responde com saber — ele sustenta o vazio, a falta, permitindo que o analisante construa algo próprio, um saber que só pode emergir da travessia da análise (Dunker, 2011; Safiouan In Didier-Weill; Safouan, 2009).

Outro aspecto fundamental é a função do corte, inovação técnica de Lacan. A sessão de duração variável não segue o tempo cronológico, mas é conduzida pela escuta do momento exato em que algo do inconsciente se revela. O corte cria um furo na cadeia significativa, um ponto de suspensão que pode fazer emergir o desejo ou romper a repetição do gozo (Lacan, 1985; Fink, 2015; IF-EPFCL, 2008). Esse gesto é, ao mesmo tempo, clínico, ético e político.

O analista, nessa lógica, é um operador do desejo e da linguagem. Sua função é mínima, mas decisiva. Ele não conduz, mas desvia; não interpreta de forma autoritária, mas pontua com precisão. Sua presença é marcada por uma escuta radical que permite ao sujeito se responsabilizar por sua fala e por sua verdade (Jorge, 2008; Fingermann; Ramos, 2009). A clínica lacaniana é, assim, uma clínica da subjetivação e da singularidade.

A SUBVERSÃO DO SUJEITO EM LACAN

Lacan não quis adaptar o sujeito à sociedade, ao bom senso ou à normalidade, ou seja, não propôs uma psicanálise voltada à adaptação do sujeito às normas sociais, ao ideal do ego ou ao senso comum. Seu projeto era outro: subverter o sujeito. Essa subversão se dá no campo do inconsciente, ao fazer o sujeito confrontar aquilo que não quer saber de si mesmo, aquilo que retorna nos sintomas, nos sonhos, nos atos falhos, como uma verdade recalçada que insiste em emergir (Lacan, 1998; Freud, 1996; Fink, 1999).



A psicanálise lacaniana não visa a cura no sentido médico do termo, mas a transformação do sujeito pela fala. Lacan recupera a noção freudiana de que o sujeito está dividido — o famoso sujeito barrado (\$) —, estruturado na e pela linguagem, e atravessado pelo desejo do Outro (Bleichmar; Bleichmar, 1992; Nasio, 1993). Não se trata, portanto, de encontrar um “eu verdadeiro” ou uma essência escondida, mas de assumir a falta estrutural, que é constitutiva da condição humana.

Subverter o sujeito, nesse contexto, é levá-lo a reconhecer que não é senhor do próprio desejo, que não controla sua fala, e que não domina o que diz ou faz. Isso não conduz à desesperança, mas ao que Lacan chama de responsabilidade ética diante do desejo. Quando o sujeito aceita sua falta, ele pode inventar novas formas de existência — menos alienadas, mais singulares (Lacan, 1988; Dunker, 2011; Didier-Weill; Safouan, 2009).

Essa subversão também tem consequências éticas, políticas e sociais. Ela desestabiliza os ideais normativos, os padrões de comportamento, os discursos totalizantes sobre o que é certo ou saudável. A psicanálise lacaniana, nesse sentido, é radicalmente crítica: ela convida o sujeito a se pensar como exceção, como singularidade, como invenção. Ela rejeita a normalização e afirma o valor do sintoma como modo de existir (Rabanal; Millet, 1998; If-Epfel, 2008).

A subversão do sujeito é, portanto, também uma forma de liberdade. Não liberdade de fazer tudo o que se quer, mas liberdade de não se reduzir ao que o Outro espera. Uma liberdade que nasce da escuta da própria fala e do desejo que ali se insinua.

LACAN E A CONTEMPORANEIDADE: POR QUE AINDA IMPORTA?

Mesmo após sua morte, em 1981, Lacan continua sendo um dos pensadores mais provocadores e indispensáveis para compreender o sujeito na contemporaneidade. Em um mundo marcado por uma lógica de performance, medicalização do sofrimento e positivismo emocional, a psicanálise lacaniana oferece uma escuta radical, que resiste às normativas do “funcionar bem” (Dunker, 2011; Fink, 1999).

Lacan nos ensina que o sofrimento não é um defeito a ser corrigido, mas uma expressão do



inconsciente, algo que insiste em retornar — e que só encontra acolhimento quando há espaço para a fala. O sintoma, longe de ser um “erro do sistema”, carrega uma mensagem enigmática que pode ser decifrada ou simplesmente escutada, sem pressa, sem respostas prontas (Lacan, 1998; Bleichmar; Bleichmar, 1992). Essa posição vai na contramão dos discursos contemporâneos, que muitas vezes tentam apagar o mal-estar com intervenções imediatistas e soluções padronizadas.

Em tempos de positividade tóxica, redes sociais e idealizações do “eu feliz”, a psicanálise lacaniana propõe outra via: escutar o que escapa à imagem, o que fura o discurso, o que não se encaixa. O inconsciente continua produzindo efeitos, o desejo continua operando, e a linguagem continua marcando o sujeito — mesmo que ele tente silenciá-los (Simanke, 2002; Fingermann; Ramos, 2009). A clínica lacaniana permanece sendo um dos raros espaços de singularidade, onde o sujeito pode falar sem ser julgado, corrigido ou adaptado.

Deveras, Lacan importa e ele nos recorda que o humano não é total, não é pleno, não é perfeito. É falta, é desejo, é incompletude — e isso é justamente o que nos move. Em um mundo que valoriza o excesso e a superação, Lacan aposta na limitação como possibilidade de criação. Sua obra exige, sim, esforço. Mas é esse esforço que produz deslocamento e verdade (Miller, 2005; Didier-Weill; Safouan, 2009).

Mais do que nunca, Lacan importa. Ele nos lembra que o humano é falta, é desejo, é singularidade. E que há beleza e potência nisso. Sua obra não é fácil, mas é necessária. E continua desafiando gerações a pensar, sentir e escutar de outra forma.

A atualidade de Lacan está, portanto, não em oferecer respostas, mas em sustentar as boas perguntas. E isso é o que torna sua psicanálise tão viva, tão desafiante e tão necessária no século XXI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O ATRAVESSAR LACANIANO DA CLÍNICA DA PALAVRA E DO DESEJO.

A obra de Jacques Lacan é, sem dúvidas, um dos marcos mais desafiadores e instigantes



da história da psicanálise. Ele não apenas retomou os conceitos de Freud, mas os levou a um novo patamar, trazendo a linguagem, a topologia, a matemática e a filosofia para o centro do debate clínico.

Ao longo deste artigo, vimos que Lacan não oferece respostas fáceis. Pelo contrário, ele complica — no melhor sentido da palavra. Porque entender o sujeito humano exige isso: sair do lugar-comum, abandonar soluções simplistas e se abrir ao enigma que é o desejo, a fala, o sintoma.

Lacan nos mostra que não existe “cura” no sentido tradicional. Existe escuta, acolhimento, elaboração, invenção. O sofrimento psíquico não é um erro a ser corrigido, mas uma expressão legítima daquilo que falta — e que nos constitui. Cada sujeito é único, e sua clínica deve ser também.

Hoje, em tempos de medicalização excessiva, pressa por diagnósticos, e uma lógica de mercado que busca padronizar até o sofrimento humano, a psicanálise lacaniana se mantém como um ato de resistência. Ela sustenta a escuta do singular, a valorização do inconsciente, o respeito pelo tempo do sujeito.

Jacques Lacan permanece vivo em sua obra, em seus seminários, em seus leitores, em seus analistas — e sobretudo, nos sujeitos que continuam se colocando a pergunta: “O que é que me move?”. E é justamente essa pergunta que mantém a psicanálise viva.

Deveras, em tempos marcados por discursos totalizantes, soluções rápidas e uma crescente homogeneização da experiência humana, a psicanálise lacaniana se impõe como uma via de escuta ética, rigorosa e profundamente humana. Lacan nos convida a pensar além da superfície, a enfrentar o que há de mais íntimo e enigmático no sujeito: seu desejo, sua falta, sua verdade.

Sua obra, muitas vezes considerada árida ou hermética, revela-se, ao contrário, como um mapa aberto para a singularidade de cada um. Um convite à leitura, à escuta e, sobretudo, à responsabilidade com o que nos constitui. Lacan nos lembra que o saber do sujeito está em sua fala — e que a psicanálise, quando fiel a isso, continua sendo não apenas atual, mas necessária.

Portanto, mais do que um sistema teórico, a psicanálise lacaniana é uma experiência. Uma travessia que começa com a palavra, mas que só se sustenta no desejo — esse motor silencioso, insistente e inacabado, que nos empurra a viver, a repetir, a desejar... e, talvez, a reinventar.



REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Alex Pereira de. A língua-linguagem como encruzilhada: desafios e implicações tradutórias de um conceito decolonial em elaboração. *Lingu@ Nostr@ – Revista Virtual de Estudos de Gramática e Linguística*, Vitória da Conquista, v. 8, n. 2, p. 76-99, jul./dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.29327/232521.8.2-6>.

BLEICHMAR, N. M.; BLEICHMAR, C. L. *A psicanálise depois de Freud*. Porto Alegre: Artmed, 1992.

CASELLI, Francisco Rafael Barbosa. *Inconsciente e linguagem: uma leitura de Freud a Lacan*. 2014. 140 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Psicologia, Maceió, 2014.

DIDIER-WEILL, Alain. *Nota azul: Freud, Lacan e a arte*. Tradução de Cristina Lacerda e Marcelo Jacques de Moraes. Revisão técnica de Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1997.

DOR, Joseph. *Introduction à la lecture de Lacan*. Paris: Denël, 1985. Tradução em português: Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1974. Obra original publicada em 1972. Especialmente: p. 17-59, 121-172, 392-396.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. *Lacan e a clínica da interpretação*. São Paulo: Zagodoni, 2017.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. *Por que Lacan?.* São Paulo: Zahar, 2011.

FINGERMANN, Dominique; RAMOS, Conrado (Orgs.). *Lalíngua nos seminários, conferências e escritos de Jacques Lacan*. *Stylus: Revista de Psicanálise*, n. 19, outubro 2009. AFCL/EPFCL-Brasil.

FINK, Bruce. *Fundamentos da técnica psicanalítica: uma abordagem lacaniana para praticantes*. Tradução de Carolina Luchetta e Beatriz Aratangy Berger. São Paulo: Karnac, 2015.



FINK, Bruce. Introdução clínica à psicanálise lacaniana. Tradução de Vera Ribeiro. Revisão técnica de Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. (Transmissão da Psicanálise).

FREUD, Sigmund. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HARARI, Roberto. Uma introdução aos quatro conceitos fundamentais de Lacan. Tradução de Marta M. Okamoto e Luiz Gonzaga B. Filho. Campinas: Papyrus, 1990.

INTERNACIONAL DOS FÓRUMS–ESCOLA DE PSICANÁLISE DOS FÓRUMS DO CAMPO LACANIANO (IF-EPFCL). Anais do V Encontro Internacional da IF-EPFCL: os tempos do sujeito do inconsciente. São Paulo, 05 e 06 de julho de 2008.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. Fundamentos da psicanálise: de Freud a Lacan. Vol. 1: As bases conceituais. 5. ed. rev. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. (Transmissão da psicanálise).

JORGE, Marco Antonio Coutinho; FERREIRA, Nadiá Paulo. Lacan, o grande freudiano. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. (Coleção Passo-a-passo).

JURANVILLE, Alain. Lacan e a filosofia. Tradução de Vera Ribeiro. Revisão técnica de Luiz Alfredo Garcia-Roza. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987. (Campo Freudiano no Brasil).

KAFKA, Tatiana Cardoso. Escrever o trauma de Freud a Lacan. Stylus: Revista de Psicanálise, Rio de Janeiro, n. 31, p. 7-24, dez. 2015. Publicado pela Escola Letra Freudiana.

LACAN, Jacques. Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. Nome-do-Pai. Tradução: André Telles; revisão técnica: Vera Besset. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, Jacques. O seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro; revisão de Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.



LACAN, Jacques. O seminário, livro 7: A ética da psicanálise (1959-1960). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. O seminário: livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

MEZÊNCIO, Márcia; ROSA, Márcia; FARIA, Maria Wilma (orgs.). Tratamento possível das toxicomanias com Lacan. Belo Horizonte: Scriptum, 2014.

MILLER, Jacques-Alain. Introdução à leitura de Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

MILLER, Jacques-Alain. Perspectivas do Seminário 23 de Lacan: O sinthoma. Revisão de texto: Teresinha Prado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009. (Campo Freudiano no Brasil).

NASIO, J. D. Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. (Transmissão da psicanálise).

QUINET, Antonio. Os outros em Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. (Coleção Passo-a-Passo).

RABANAL, Gustavo Dessal; MILLET, Jorge Alemán. O retorno do recalçado: uma introdução à psicanálise lacaniana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

RASSIAL, Jean-Jacques. O saber do psicanalista: Introdução à obra de Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

RUDINESCO, Élisabeth. Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SAFOUAN, Moustapha. Jacques Lacan e a questão da formação dos analistas. Tradução de Leda Mariza Vieira Fischer. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. (Série Discurso Psicanalítico, v. 3).

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. Buenos Aires: Losada, 1945. Obra original publicada em 1915. Especialmente: Introdução, caps. I-V; Primeira parte, caps. I-III; Segunda parte, caps. IV-VI.



SIMANKE, Richard Theisen. Metapsicologia lacaniana: os anos de formação. São Paulo: Discurso Editorial; Curitiba: Editora UFPR, 2002.

SOUZA, Gláucia Nagem de; GUARRESCHI, Luciana de Freitas. O seminário, livro 13: o objeto da psicanálise, de Jacques Lacan. Stylus: Revista de Psicanálise, Rio de Janeiro, n. 37, p. 135-145, dez. 2018.

VANIER, Alain. Lacan. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

